



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

PROJETO INTEGRADOR A PARTIR DO RESGATE DAS HISTÓRIAS DA COMUNIDADE PESQUEIRA DE COVA DA ONÇA NO MUNICÍPIO DE CAIRU-BA

Maria Ercília Oliveira de Jesus ¹

Resumo: Promover práticas metodológicas que despertem o interesse dos discentes pelo conteúdo escolar é um desafio constante para os diversos educadores, assim, desenvolver atividades que possibilitam ir para além dos muros da escola, romper com lacunas entre a instituição e a comunidade, além de desenvolver reflexões sobre questões que fazem parte do local de vivência dos alunos pode se configurar como importante estratégia para análise da realidade do aluno, além de unificar teoria e prática. O presente artigo tem como objetivo relatar a experiência desenvolvida com 2º ano no projeto integrador do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia- Campus Valença. O projeto interdisciplinar entre Geografia e gestão rural e associativismo buscou resgatar a história de lutas e resistência da comunidade de Cova da Onça no município de Cairu para manter viva a tradição e identidade de seus antepassados e para continuar a fazer da pesca a fonte de renda das famílias. O trabalho contou com a pesquisa bibliográfica acerca do tema, em seguida com uma visita técnica, na qual foi registrado imagens da comunidade, foi aplicado também uma entrevista semiestruturada a fim de coletar relatos de experiências dos moradores. O resultado do projeto foi apresentado em praça pública na cidade de Valença-BA, objetivando mostrar à comunidade local a importância de um grupo social na formação do território do Baixo Sul, além disso, dar visibilidade aos pescadores artesanais que lutam para manter sua cultura viva em uma região que atrai o capital imobiliário devido às suas riquezas naturais.

Palavras-chave: Comunidades Tradicionais; Pesca Artesanal; Geografia; Associativismo.

Introdução

Por muito tempo a geografia foi vista pelos alunos como uma disciplina desinteressante e sem sentido. Couto (2015) ao elencar e discutir sobre os problemas para ensinar geografia na escola pública aponta que é preciso reconhecer que em alguns casos o desinteresse do aluno pela disciplina deve-se ao fato da permanência na escola de uma geografia descritiva e enfadonha que distanciam o discurso geográfico escolar daquilo que os alunos pensam e vivem.

Ensinar geografia requer um entendimento de como deve ser o seu processo de ensino aprendizagem e dos pressupostos teóricos e metodológicos que envolvem a disciplina. Para que seja atrativa para os alunos, esta deve partir da análise da realidade,

¹ Universidade do Estado da Bahia. Contato: ercilia.oj@hotmail.com



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

explicar o espaço geográfico levando-se em conta suas dinâmicas e transformações que são resultados da ação do homem sobre meio.

A aprendizagem de geografia pode partir de um olhar mais questionador sobre as categorias, lugar, paisagem, território, região e espaço, e a partir disso, estabelecer relação entre a realidade do aluno, bem como com seus conhecimentos adquiridos através das suas vivências, “é importante ponderar que a geografia, assim como as outras ciências, ao desenvolver os conteúdos articulados com os conhecimentos científicos, provoca os alunos a levantarem hipóteses e trazem situações do cotidiano para construir conhecimento científico”. (CASTELLAR, 2013, p. 03).

Assim, discutir o local de vivência dos alunos, confrontando com os conteúdos escolares é uma forma de fazer com que o aluno entenda que a geografia está presente no seu cotidiano, na sua vida. Além disso, a disciplina vai estar desenvolvendo o seu papel de estimular a criticidade dos alunos para que se percebam como sujeitos atuantes na sua comunidade, bem como transformadores do espaço geográfico.

Desenvolver práticas metodológicas que consigam romper com as lacunas existentes entre a escola e a comunidade local é um desafio no ensino de geografia, mas possível, haja vista que esta é uma disciplina que analisa a interação da sociedade com os aspectos naturais. De acordo com Pontuschka (1996), o docente de geografia precisa trabalhar com noções de tempo e espaço, bem como as histórias da sociedade e da natureza, e, portanto, tem o papel de contribuir para a formação da cidadania dos alunos.

Uma das formas de fazer isto, é através do trabalho de campo, que Segundo Silva (2002) é um instrumento capaz de auxiliar na “leitura” da realidade, pois, constitui-se num instrumento fundamental para essa “leitura”. Pode-se ressaltar também que essa metodologia de ensino é bem aceita pelo aluno, haja vista, que abre espaço para várias discussões, pois o fenômeno analisado pode ser visto a partir de diversos ângulos, e, além disso, é uma forma de sair da rotina da sala de aula e para além dos muros da escola. Figueiredo (2011, p. 24),

[...] a utilização do trabalho de campo pode ser favorável à construção de novos significados sobre a realidade encontrada no espaço e reduzir o distanciamento da realidade concreta em que vivem os alunos, ou seja, essa estratégia



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

pedagógica pode ampliar as possibilidades de ressignificação da dimensão social do espaço, contribuindo para uma renovação da educação geográfica.

O trabalho de campo no ensino de geografia pode desempenhar a construção dos conhecimentos geográficos de forma contextualizada, pois pode-se levar em consideração aspectos naturais e sociais, culturais, políticos, econômicos, esses que dão dinamicidade às relações humanas. Diante disso, o trabalho em questão tem como objetivo relatar a experiência desenvolvida no projeto integrador com os alunos do 2º ano do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia, campus Valença.

O projeto integrador foi interdisciplinar entre Geografia e gestão rural e associativismo e buscou resgatar a história de lutas e resistência da comunidade de Cova da Onça no município de Cairu para manter viva a tradição e identidade de seus antepassados e para continuar a fazer da pesca a fonte de renda das famílias.

O projeto integrador foi desenvolvido com as turmas dos 2º anos, a proposta do mesmo foi trabalhar de forma interdisciplinar temáticas pertinentes ao território do Baixo Sul, buscando valorizar elementos próximos a realidade dos alunos. O grupo em questão ficou responsável por desenvolver um trabalho sobre comunidades tradicionais e os professores das disciplinas já citadas acima ficaram responsáveis pela orientação.

A princípio o trabalho contou com a pesquisa bibliográfica e discussões acerca do tema em sala de aula. Esta etapa foi importante para os alunos compreenderem o que se constitui como comunidade tradicional e como elas estão presentes no território do Baixo Sul sendo responsáveis pela formação histórica do mesmo.

Em seguida foi feita uma visita técnica, na qual foi registrado imagens da comunidade, foi feita também uso da entrevista semiestruturada a fim de coletar relatos de experiências dos moradores. O resultado do projeto foi apresentado em praça pública na cidade de Valença-BA, objetivando mostrar à comunidade local a importância de um grupo social na formação do território do Baixo Sul, além disso, dar visibilidade aos pescadores artesanais que lutam para manter sua cultura viva em uma região que atrai o capital imobiliário devido às suas riquezas naturais.

Resultados e discussões

A comunidade de São Sebastião mais conhecida como Cova da Onça se localiza em uma ilha no município de Cairu. É uma comunidade pequena, onde grande parte vive da pesca artesanal. A comunidade é considerada tradicional, de acordo com Rios (2016) apud Brasil (1998) a constituição Brasileira de 1988 define como povos e comunidades tradicionais os grupos que possuem uma cultura distinta da cultura predominante na sociedade, estes grupos devem se organizar e ocupar territórios com abundância em recursos naturais, além disso, possuem costumes, tradições e crenças particulares.

Figura 1: Vista da comunidade de Cova da Onça



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

A comunidade de Cova da Onça integra o grupo de comunidades tradicionais pesqueiras, de acordo com Diegues (1983) compreende como pesca artesanal a atividade desenvolvida com técnicas menos predatórias, realizada por pescadores autônomos, na qual faz uso da mão de obra familiar e historicamente reproduzem o seu modo de vida.

A entrevista foi feita com vários moradores da comunidade entre homens e mulheres com faixa etária entre 30 a 60 anos, todos os entrevistados trabalham com a pesca e relataram que aprendeu a realizar a atividade com seus pais e avós, ou seja, esta vem sendo passada de geração para geração.

Quando questionado se querem que seus filhos permaneçam desenvolvendo a atividade, foi a notório a preocupação por parte dos mais velhos, a maioria respondeu que hoje está muito difícil viver apenas da renda obtida da pesca, pois muitas vezes não acham mercado consumidor, devido a pesca industrial vim ocupando espaço na região. Outro fator preocupante é o fato dos frutos do mar estar escasseando, e, portanto, existem épocas que a rentabilidade é bastante reduzida, além disso, a quantidade do pescado depende também das condições naturais e climáticas.

Segundo os pescadores os instrumentos utilizados na atividade não causam a predação da natureza, entre eles estão o barco, o anzol, gaiola rede, linha, muitos desses instrumentos são produzidos por eles.

Figura 2: Produção de rede de pesca na comunidade de Cova da Onça



Fonte: pesquisa de campo, 2018.

As comunidades tradicionais ainda exercem uma relação harmônica com a natureza, pois entendem que é dela que retiram o seu sustento e da sua família. Ficou notável durante a visita a boa relação que os pescadores têm com mar, porém, apesar de gostar de trabalhar com a pesca eles entendem as dificuldades para manter a tradição, pois não é possível competir com a pesca industrial, no entanto todos os entrevistados relataram não se veem desenvolvendo outra profissão.



Diante disso, foi questionado o que eles fazem para se manterem durante o período que a pesca se torna inviável, sobretudo por conta das questões climáticas. Os pescadores falaram que hoje eles recebem uma quantia do governo, definida por eles por “defeso”, este termo é utilizado porque constitui o período de paralisação temporária da pesca, o qual se respeita a fase de reprodução das espécies de peixes.

Os moradores relataram o interesse da indústria hoteleira em construir hotéis na comunidade e em torno dela, porém esta é uma questão que divide opiniões na em Cova da Onça, pois para uma parcela o empreendimento pode trazer sérias consequências, tais como inchaço populacional, poluição do meio ambiente e aumento da violência. Para outros, esta materialização do capital pode trazer oportunidade de emprego para os jovens da comunidade.

As dificuldades relacionadas à prática da pesca, bem como o pouco rendimento financeiro obtido através dela faz com que muitos membros da comunidade acreditem que um grande empreendimento da indústria hoteleira possa melhorar a vida da comunidade, no entanto, é inegável que os recursos naturais que eles preservam tanto estarão ameaçados. Para Moreira, (1985, p. 78)

A alienação do trabalho reproduz-se a todas as instâncias da sociedade capitalista: aliena-se o homem da natureza, dos produtos, do saber, do poder e dos próprios homens. Se o poder sobre os homens nas ‘sociedades naturais’ passa pelo controle da terra, sob o capital o poder passa pela alienação do trabalho.

Em uma região com tantas belezas naturais é comum despertar o interesse e apropriação pelo capital, no entanto, é importante avaliar quais benefícios e malefícios tais empreendimentos podem trazer para a comunidade.

Ao finalizar a visita técnica as informações colhidas foram compartilhadas e discutidas para assim estabelecer a melhor forma de apresentar o trabalho em praça pública. Nesse sentido, foi feito um stand com fotos e instrumentos de pesca artesanal, os alunos apresentaram a comunidade de Valença a luta de povos que foram importantes na constituição do território para sobreviver e manter viva as suas tradições.

Considerações finais



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

O desenvolvimento do projeto integrador foi importante para compreender as histórias das comunidades tradicionais pesqueiras no território do Baixo Sul estas que contribuíram para a organização social e espacial dessa região e têm suas marcas registradas em diversos hábitos e manifestações culturais do território.

O contato com a comunidade de Cova da Onça impulsionou os alunos a conhecer de perto como vive a comunidade, suas crenças, costumes e resistências enquanto grupo social que apesar de todas as dificuldades continuam a desenvolver a prática da atividade pesqueira artesanal.

O resgate e divulgação dessas histórias cumpriu com o objetivo de dá visibilidade às tradições e resistências de um grupo de pessoas que lutam para manter sua cultura viva em uma região atrativa pelas riquezas naturais, e, portanto, deparam constantemente com especulação imobiliária e por possuir um potencial hídrico despertam o interesse de grandes empresas voltadas para o setor de pesca, que muitas vezes exploram recursos da natureza sem levar em conta a sua capacidade de esgotamento.

Promover práticas metodológicas que produza conhecimento significativo faz com que a geografia ganhe sentido na visão dos alunos. O resultado do projeto foi satisfatório e constatado a partir do empenho e dedicação dos discentes e de suas análises a partir daquela realidade pesquisada, uma vez que os mesmos compreenderam de forma crítica e divulgaram as lutas e vivências diárias de povos que se constituíram como povos tradicionais a partir de uma necessidade sobrevivência, e se mantêm por meio de lutas diárias para manter viva as tradições da comunidade.

Referências

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. A importância da Geografia no currículo e no contexto escolar. In: **Anais do Encontro Nacional de pós-Graduação em Geografia**, 2013.

COUTO, Marcos Antônio Campos. Ensinar Geografia na Escola pública de hoje. (org) SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; ANTUNES, Charles da França; SANTANA FILHO,



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

V Seminário Interdisciplinar
de Ensino, Extensão e Pesquisa

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

Manoel Martins de. **Ensino de Geografia**: produção do espaço geográfico e processos formativos. 1 ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'ana . **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar**. São Paulo: Ática, 1983, 287 p.

FIGUEIREDO, Pedro Henrique de Oliveira. O trabalho de campo na geografia escolar como estratégia para a percepção da dimensão socioespacial do real. Centro Universitário UNA, 2011, p. 108. (**Dissertação do Programa de Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local**).

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. Coleção Primeiros Passos, São Paulo: Brasiliense, 1985.

RIOS, Kássia Aguiar Norberto. Comunidades Tradicionais pesqueiras da Bahia: um histórico de contradições e resistência. **Anais do XXIII Encontro Nacional de Geografia Agrária**: ajuste espacial e soberanias, a multiplicidade das lutas e estratégias de reprodução no campo. Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2016.

PONTUSCHKA, N. O perfil do professor e o ensino/aprendizagem da Geografia. Cadernos CEDES, São Paulo, n. 39, dez/1996.